

# Capítulo 2

## Vilão ou mocinho? A concepção do anti-herói em Macunaíma e Wolverine<sup>1</sup>

Bárbara Ellen de Souza Lima<sup>2</sup>

Thadeu Menezes Pinto<sup>3</sup>

Maurício José de Faria<sup>4</sup>

## INTRODUÇÃO

*Vejo meus heróis, com dois, três quilos a mais. São meus heróis e bebem, bebem às vezes demais. [...] São meus heróis, humanos e errados. Parte de mim, amores e pecados.*

**Cássia Tavares**

Desde a antiguidade, os heróis são retratados das mais diferentes formas. De Homero a Mário de Andrade, a presença de personagens heroicas é uma constante nas produções literárias, além de ser encontrada em basicamente todos os gêneros textuais, desde grandes epopeias a charges de jornais. O termo herói significa “homem extraordinário pelas suas proezas guerreiras, pelo seu valor ou magnanimidade” (BUENO, 2011, p. 405). De acordo com Chevalier e Gheerbrant

(1995), o herói é, simbolicamente, o produto da união de um deus com um ser humano. Ele simboliza a união das forças celestes e terrestres e não goza, naturalmente, da imortalidade divina. Entretanto, conserva até a morte um poder sobrenatural, que se traduz em um deus decaído ou homem divinizado. Além disso, ele tem a essência da função guerreira, bravura, astúcia, estratégia, além de ser munido de força física e coragem a toda prova. Contudo, será que todo herói deve ser essencialmente perfeito ou é permitido a ele também possuir a humana fraqueza de caráter?

A fraqueza de caráter presente em personagens heroicas é geralmente associada à figura anti-heroica. O anti-herói é uma figura que aparece em romances e em outras mídias, como revistas em quadrinhos (doravante HQs). Ele apresenta diferenças de caráter se comparado ao herói. Segundo Kothe (1987, p. 16), “o anti-herói só deixa de ser ‘herói’ por ele não se enquadrar no esquema de valores subjacentes ao ponto de vista narrativo”, isto é, o que diferencia o herói do anti-herói, de maneira geral, é que, enquanto o primeiro age de acordo com os valores morais, respeitando as regras de forma exemplar, o segundo tende a desrespeitá-las.

Diante disso, se é permitido ao herói possuir a fraqueza humana de caráter, o presente texto tem por finalidade retratar as características do herói e do anti-herói, a fim de realizar uma comparação entre as personagens anti-heroicas Macunaíma, da obra homônima *Macunaíma*, de Mário de Andrade (2013), e Wolverine, herói pertencente à editora Marvel Comics (1974). Além disso, pretendemos efetuar, através da comparação entre as personagens, a equiparação do anti-herói na literatura e nos quadrinhos, com foco na diferença entre herói e super-herói. O tema central tratado é a figura do anti-herói na literatura e nas HQs.

Para melhor entender a conceituação do anti-herói, é interessante tratar primeiramente da distinção entre ética e moral. De acordo com

Abbagnano (2007), moral é o objeto de estudo da ética, é a conduta dirigida ou disciplinada pelas normas convencionadas por uma determinada sociedade sobre aquilo que é certo ou errado. Já a ética, como ele também afirma, é a ciência da conduta que tem como principal objeto de estudo a própria moral. Ela é orientada às normas individuais. Logo, é possível ser ético sem, necessariamente, ser moral. É o que acontece com o anti-herói. A personagem Wolverine é um exemplo para esse argumento. Ele mata para proteger inocentes, o que representa uma conduta ética, mas dificilmente moral se analisada de acordo com as normas sociais. Conforme Feijó (1984, p. 94), o anti-herói, tal qual Wolverine, “não tem um objetivo definido; sabe que sofre as consequências de uma situação que ele não criou e por isso se rebela, mesmo não sabendo o que colocar no lugar do que é contra”.

No tocante às HQs, é interessante fazer um paralelo entre elas e os romances literários. Para criar uma revista em quadrinhos,

Um domínio fundamental do desenho e da escrita é indispensável. Esta é uma forma de arte relacionada ao realismo, porque se propõe a contar histórias. A arte sequencial lida com imagens reconhecíveis. As ferramentas são seres humanos (ou animais), objetos e instrumentos, fenômenos naturais e linguagem (EISNER, 1999, p. 145).

Nos romances, assim como nos quadrinhos, existe a prioridade de contar uma história, utilizando seres humanos e mesmo animais, como no caso do romance *Quincas Borba*, de Machado de Assis. Atenção especial é dada à linguagem, uma vez que, nos romances, diferentemente dos quadrinhos, a escrita sustenta a história, sem fazer uso de recursos imagéticos. Cabe, portanto, ao leitor imaginar, criar suas “próprias” imagens.

A análise de personagens, sua criação e caracterização é uma atividade recorrente nos textos literários. Entretanto, por alguma razão, o estudo com foco na figura do anti-herói na literatura é escasso, ainda mais se comparado à sua contraparte heroica. Com isso, decidiu-se estudar a conceituação do anti-herói em Macunaíma, herói máximo da literatura brasileira, comparando-o com Wolverine, provavelmente a mais famosa representação do herói dúbio na atualidade, de forma a ampliar o estudo do tema para além das obras literárias, uma vez que o último é uma personagem oriunda das HQs.

Grandes epopeias clássicas, HQs e até mesmo a Bíblia apresentam heróis ao mundo. Segundo Kothe (1987, p. 32), “Jesus Cristo corporifica um esplêndido herói trágico”, uma vez que se propõe a salvar a humanidade, pretende iniciar a civilização e, mesmo sendo punido por seus atos, ao fim, consegue ressurgir gloriosamente. O autor também afirma que, ainda que pareça ousadia aos olhos da cultura cristã pensar em Cristo como uma personagem literária e, por conseguinte, a Bíblia como literatura, Jesus Cristo é literariamente exemplar (KOTHE, 1987).

Com isso, pode-se dizer que personagens de caráter heroico são primordiais para o desenvolvimento de tramas literárias. Algumas obras ilustram esse argumento, tais como *Os Lusíadas*, de Luís de Camões, em que o grande herói português Vasco da Gama tem narradas suas aventuras em mares desconhecidos. Já em *O guarani*, de José de Alencar, o autor narra a história do herói Peri e sua amada Ceci. Nesta obra, Peri é desprovido de defeitos e grandioso em suas virtudes, sendo um típico herói da escola literária romântica.

Contudo, as obras literárias não possuem seus enredos voltados somente para o herói. Alguns autores focam suas narrativas no anti-herói, figura parcialmente contrária à primeira, uma vez que mesmo o anti-herói não sendo vilão, pode fazer uso de atos maléficos, que diferem daqueles empregados pelo herói, como nas obras *Triste fim*

*de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto, e *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis. É comum ao anti-herói apresentar uma postura maquiavélica, já que “na conduta dos homens [...], contra a qual não há recursos, o que vale é o resultado final” (MAQUIAVEL, 2007, p. 73), ou seja, os fins justificam os meios. Assim, é comum ao anti-herói possuir características que são, muitas vezes, julgadas baixas e desprezíveis, mas que o tornam muito mais humano que os heróis propriamente ditos, que são sempre tão corretos e perfeitos. Kothe (1987, p. 23) exemplifica tal argumento ao dizer que

O ódio repleto de rancor, a total falta de comi-seração, a raiva que não acaba sequer com a morte do adversário, a sede de vingança até o fim. Tais gestos não são monopólio de perso-nagens, não são apenas ‘Literatura’. Foi da vida mesma que a Literatura os aprendeu. Por outro lado, a grande obra é capaz de mostrar a ‘gran-deza’ existente naquilo que aparenta apenas ser baixo e derrotado.

Mesmo capaz de atos sórdidos, o anti-herói, ainda assim, possui traços grandiosos que o tornam capaz de atitudes nobres. Macunaíma, por exemplo, vai de um lado para o outro, sempre procurando viver à custa dos outros (KOTHE, 1987), mas ama verdadeiramente Ci, mãe do mato e líder da tribo das icamiabas, as mulheres sozinhas. A morte dela causa um profundo impacto na personagem que fica “desconsolado de não ter força” (ANDRADE, 2013, p. 75).

Logo, justifica-se investigar características do herói dúbio, pois, através dele, torna-se possível, de certa forma, compreender um pouco do ser humano, ao qual se assemelha. Assim como este, aquele é um ser além do bem e do mal, mesmo porque bem e mal são conceitos meramente culturais. Quem é propriamente “mau” no sentido da moral

do ressentimento? Precisamente o “bom” da outra moral, que se torna mal para aquele que prejudica (NIETZSCHE, 2009).

Não obstante, o anti-herói, tal como o ser humano, sofre transformações singulares ao longo de sua trajetória, sendo estas tanto físicas quanto ideológicas, como pode ser notado em Macunaíma e Wolverine, de forma mais específica; e que são fortemente retratadas na figura de Policarpo Quaresma, por exemplo, que, próximo à morte, abdica dos ideais patrióticos que cultivou por toda a vida.

No tocante à metodologia, foram feitas pesquisas de cunho qualitativo em livros teóricos e literários e em artigos científicos. Além disso, ao tratar do arquétipo do anti-herói, foi realizada uma comparação entre as personagens Macunaíma e Wolverine, personagem famosa dos quadrinhos que pode ser enquadrada nesta caracterização, analisando suas características de forma a abranger o caráter do herói falho para além das fronteiras da literatura.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Para que se efetue a concepção do que é o anti-herói, é necessário, primeiramente, o discernimento das características presentes no herói, para só assim qualificar quais aspectos conferem a uma personagem o título de anti-herói. Conforme estabelecido por Feijó (1984, p. 28), existe uma série de condições para que uma determinada personagem possa ser considerada herói, dentre elas “ser superior, conseguir a estima dos homens sem se deixar conhecer plenamente, camuflar os erros, ampliar os acertos, compreensão ágil do que fazer, sem confusão, e não ser apenas guerreiro, mas também sábio”.

Ademais, o herói deve também ser belo e agir de acordo com a moral da sociedade à qual pertence. O anti-herói, por sua vez, apesar de cumprir com algumas condições, também tende a contestá-las. Macunaíma e Wolverine, que não são dotadas de beleza física, costumam descumprir regras morais, utilizando meios dissolutos que, no caso de Macunaíma, envolvem a trapaça como elemento recorrente para alcançar seus objetivos.

No estudo de personagens de caráter heroico, é primordial que seja realizada a compreensão de teóricos que analisem o arquétipo do herói, para, a partir dele, entender também o anti-herói. A utilização da obra de Kothe (1987) se deve ao seu amparo em relação à análise sobre os tipos de herói existentes nos gêneros literários. Seu detalhamento da construção do herói literário, dirimindo os pontos que compõem a personalidade heroica, trata dos contrários presentes na personagem anti-heroica. Kothe (1987, p. 13) alega que “todo grande personagem é uma união de contrários: ele é o alto cuja grandeza está na baixaza, ou é o alto que cai e readquire grandeza na queda, ou então é o baixo que se eleva e que se mostra grandioso apesar dos pesares”. Tal argumento se relaciona de forma específica aos atributos comuns a Macunaíma e a Wolverine que se elevaram a partir de seus atos indecorosos para se tornarem heroicos.

Uma das características comuns aos dois anti-heróis é que nenhum deles é fisicamente belo. Para abordar essa característica em particular, utilizamos a obra de Eco (2007), que trata, como tema principal, a feiura, usufruindo de declarações de outros escritores, como Nietzsche, que defende que, no belo, o ser humano se coloca como medida da perfeição, ele adora a sua própria beleza; que o feio já é entendido como sinal e sintoma da degenerescência; e que, no feio, o ser humano enxerga o declínio do seu tipo. Assim, o autor ajuda a relacionar a figura anti-heroica à figura humana, podendo considerar o herói como aquilo que o ser humano aspira ser e o anti-herói como aquilo que ele esconde.



Algumas ideias de Nietzsche (2009, 2011) também são usadas para tratar de questões imprescindíveis ao entendimento do anti-herói, como os conceitos de bem e mal. Como dito anteriormente, o anti-herói é um ser que, essencialmente, não é bom nem mau, mas que admite que o não verdadeiro é a condição da vida, é se opor audazmente ao sentimento que se tem habitualmente dos valores empregados pela moral e que ele se coloca, apenas por este fato, além do bem e do mal (NIETZSCHE, 2012).

A obra de Campbell (1997), por sua vez, é utilizada para demonstrar que todos os heróis, por mais distintos que sejam, possuem trajetória semelhante, a qual ele denomina “jornada do herói”. Para ele, “o percurso padrão da aventura mitológica do herói é uma magnificação da fórmula representada nos rituais de passagem: separação-iniciação-retorno – que podem ser considerados a unidade nuclear do monomito” (CAMPBELL, 1997, p. 16). Mesmo os anti-heróis seguem esse percurso: Macunaíma deixa sua terra em busca da muiraquitã<sup>5</sup>, para, ao fim, retornar para ela e lá transformar-se na constelação Ursa Maior; Wolverine, após ter seu *adamantium*<sup>6</sup> arrancado de seu corpo por Magneto, deixa os X-Men, para, mais tarde, retornar a eles, acabando por tornar-se o diretor da escola de mutantes.

Feijó (1984) aborda a definição da figura heroica, versando inclusive sobre sua presença na História, na literatura e na indústria cultural, que inclui as revistas em quadrinhos. De acordo com Feijó (1984), na literatura, o destino do herói é a sua iniciação: a descoberta de si mesmo, e que foi nela que o herói deixou de ser divino para se tornar humano, para tornar-se um anti-herói. Já sobre o herói dos quadrinhos, ele defende que o indivíduo massificado projeta aquilo que ele não é. De certa forma, uma comparação entre Macunaíma e Wolverine, uma vez que as atribuições que Feijó (1984) dá ao herói de cada gênero podem ser invertidas se comparadas a essas personagens, visto que Wolverine procura descobrir a si mesmo em seu passado. Macunaíma utiliza de

artimanhas para projetar aquilo que ele não é, conseguindo, assim, aquilo que almeja. Além disso, de forma a estudar o anti-herói com maior profundidade, utilizamos também a obra de Brombert (2001), que, apesar de focar personagens europeias, faz reflexões imprescindíveis sobre a figura do anti-herói, em geral.

Em se tratando da personagem Macunaíma, a obra de Abdala Jr. e Mota (2001) auxilia na análise da personagem, focando sua trajetória, características físicas e morais e também a sua criação, uma vez que a imagem do “herói sem nenhum caráter” é gerada pelas misturas de várias personagens retiradas de textos eruditos e populares, além de um nascimento que se dá através de identidades múltiplas e heterogêneas (ABDALA JR.; MOTA, 2001). Além disso, ao tratar do discurso do autor no romance, será possível compreender a polifonia presente na obra modernista, que possui “vozes dissonantes que interpretam a imagem do herói” (ABDALA JR.; MOTA, 2001, p. 142), sendo a principal destas a sua imagem como personagem anti-heroica.

Além dessas, Proença (1955) é utilizado para realizar um estudo singular do herói sem nenhum caráter e para tratar do gênero literário ao qual a obra pertence, uma vez que, pela singularidade da obra, seria incorreto classificá-la apenas como romance ou como epopeia. Segundo Proença (1955, p. 13), “o próprio Mário teve indecisões ao classificar o livro. Primeiramente o chamou de ‘história’ em um dos prefácios, querendo aproximá-lo dos contos populares. Mas não era um título preciso e se lembrou de chamá-lo ‘rapsódia’”, que é uma peça musical formada a partir de trechos e temas de uma determinada região ou fragmentos de cantos épicos. Por Macunaíma possuir grande influência do folclore brasileiro ao mesmo tempo em que se configura em uma epopeia, rapsódia torna-se, portanto, a denominação mais adequada ao seu gênero textual.

Por fim, para tratar das HQs, serão utilizados Moya (1970), que realiza um estudo sobre toda a trajetória desse tipo de texto, e Eisner (1999), que é lembrado para discutir, como gênero textual, as histórias em quadrinhos que serão utilizadas em paralelo com a literatura. “A função fundamental da arte dos quadrinhos, que é comunicar ideias e/ou histórias por meio de palavras e figuras, envolve o movimento de certas imagens (tais como pessoas e coisas) no espaço” (EISNER, 1999, p. 37). Sendo assim, será considerada a fusão de linguagem verbal com recursos midiáticos para a criação de uma narrativa linear que possui semelhanças com os romances literários. Wolverine tem suas características anti-heroicas analisadas, entre elas suas atitudes violentas e sua indisciplina, que é encontrada também em Macunaíma. Além disso, ele quase mata seus companheiros em ataques de fúria, o que demonstra seu temperamento rebelde.

## TIPOS HEROICOS NA LITERATURA E NOS QUADRINHOS

Os seres humanos, biologicamente, são semelhantes uns aos outros, pertencem à mesma espécie, filo e classe e diferem apenas no gênero. No entanto, psicologicamente, eles possuem personalidades distintas e singularidades que os diferem de seus semelhantes, por exemplo, dois irmãos gêmeos não possuem o mesmo temperamento, os mesmos gostos e as mesmas opiniões, embora compartilhem a mesma aparência. Isso acontece com os tipos heroicos, que são representações dos humanos. Mesmo compartilhando características básicas, esses tipos possuem peculiaridades que os diferem uns dos outros. A fim de possibilitar um melhor entendimento do que é o herói, torna-se necessário, primeiramente, explicitar o que ele é.

Na literatura, há dois tipos de heróis clássicos: o épico e o trágico. Eles são tipos geralmente interligados, “o herói épico provoca o surgimento do herói trágico; o herói trágico guarda em sua sombra o herói épico” (KOTHE, 1987, p. 24). O épico é aquele em que o foco narrativo é voltado para suas aventuras, batalhas e atos grandiosos. Ele é capaz de cometer atos questionáveis, mas, mesmo assim, mantém sua honra e grandeza. Já o trágico caracteriza-se pela elevação através da baixeza, ou seja, torna-se grandioso devido ao seu sofrimento e às mazelas acometidas a ele. Esses tipos, na literatura clássica, podem se fundir, caracterizando uma personagem épica e trágica simultaneamente. Desse tipo há os seguintes exemplos:

Aquiles, o grande guerreiro, é humilhado por Agamêmnon, perde a sua escrava preferida, perde seu melhor amigo, fica ausente de muitas lutas e se barbariza ao tripudiar o cadáver de Heitor; Odisseu, o astuto, vencedor de Tróia, demora a descobrir o caminho de volta, perde todos os seus companheiros e troféus nesse percurso, para se recuperar no fim; Édipo, rei e benfeitor, vê-se transformado em malfeitor e pária social (KOTHE, 1987, p. 13).

Outro tipo heroico encontrado, tanto na literatura clássica quanto na posterior a esse período, é o herói cômico que possui qualidades similares às do trágico, porém é dotado de pouca inteligência, e suas aventuras são sempre apinhadas de situações cômicas. “O herói cômico tende a ser o vilão da comédia: ele é o alvo do riso assim como o vilão do *far-west* está predestinado a ser o alvo das balas do mocinho” (KOTHE, 1987, p. 46). Uma personagem que ilustra esse tipo é Dom Quixote, de Miguel de Cervantes, que, com suas ações, deixa o leitor duvidoso em relação à sua magnanimidade heroica. Além dele, Policarpo Quaresma, protagonista de romance de Lima Barreto, pode ser relacionado a

esse tipo heroico, uma vez que muitas de suas atitudes são carregadas de comicidade. Entretanto, não deve ser descartado também seu caráter trágico, pois, por almejar o bem de sua nação, ele é levado a circunstâncias de grande sofrimento e, ao fim, padece humilhado e solitário. Além disso, ele também pode ser considerado um anti-herói, pois mata um soldado adversário, involuntariamente, para defender seus ideais de guerra.

Há, também, o herói romântico, que é quase exclusivamente encontrado em obras do Romantismo. É o tipo heroico definido como o ser perfeito, livre de qualquer mácula em seu caráter e, essencialmente, bom. Uma personagem que ilustra esse tipo é Peri, protagonista da obra *O guarani* (1857), de José de Alencar. Peri faz qualquer coisa para salvar a mulher que ama e é um homem de caráter invejável. Para Feijó (1984), o herói caracterizado como guerreiro, justiceiro, corajoso e generoso é nada mais, nada menos, que um herói de romance. O super-herói das HQs tem características semelhantes às do herói romântico, que é, por sua vez, um tipo heroico no qual se enquadram as personagens da literatura contemporânea Edward Cullen, do romance *Crepúsculo* (2008), e Christian Grey, da obra *Cinquenta tons de cinza* (2012).

O pícaro, ou herói picaresco, é aquele cuja grandeza está em sua baixaza. É um tipo que mescla humor, tragédia e crítica em uma só personagem. Para entender um herói picaresco, deve-se “discernir no pícaro uma síndrome de forças contraditórias que nele encontram uma via de expressão, sem que elas apareçam claramente como tais” (KOTHE, 1987, p. 47). O pícaro é interesseiro e quer ter tudo sem trabalhar para tê-lo. Sempre está com fome, nunca se sente seguro. É o mortal dos mortais e aparenta não ter princípios morais (KOTHE, 1987). Além disso, é encontrado quase sempre na figura de malandro, arruaceiro e trapalhão (FEIJÓ, 1984). Macunaíma, objeto da presente pesquisa, representa as características desse tipo, por isso será tratado como um anti-herói de caráter picaresco.

Nos quadrinhos, particularmente, existe o super-herói, que é geralmente uma personagem possuidora de poderes sobrenaturais que o tornam naturalmente superior se comparado a seus pares e que, geralmente, faz uso de uma identidade secreta, agindo como um “vigilante” mascarado, de forma a proteger as pessoas. Além dos superpoderes, outro ponto que diferencia o herói dos quadrinhos é que ele é visualizado. O notável não “é necessariamente o enredo, sempre marcado pela ação constante e pelo suspense imposto por ser em série, quase sempre repetindo soluções, mas a ação estampada num quadrinho” (FEIJÓ, 1984, p. 90). Além do mais, é importante notar o apelo de um ser aparentemente normal que esconde poderes divinos, como defendido por Feijó (1984), ao dizer que, em uma sociedade massificada como a atual, o indivíduo sente-se anulado, por isso a figura do super-herói nada mais é do que a projeção dos anseios inconscientes do anônimo massificado.

Além disso, é válido diferenciar o herói, geralmente presente nos romances, do super-herói, comumente encontrado nas HQs, de forma a abranger as distinções entre os anti-heróis tratados na pesquisa. Os super-heróis são comumente seres que possuem poderes extra-humanos e/ou sobrenaturais. Eles são alienígenas ou vindos de outra dimensão. As tramas que os envolvem possuem enredos em que “as histórias são sempre as mesmas, atendendo a uma procura de público cada vez maior” (FEIJÓ, 1984, p. 90). Além disso, suas histórias são desenvolvidas de forma a prender a atenção do leitor, como exemplificado em Wolverine, que, até hoje, não possui sua origem totalmente revelada.

Já os heróis romanescos geralmente não possuem poderes sobrenaturais ou origens místicas. Eles são essencialmente humanos por possuírem defeitos e qualidades, além de uma personalidade que permite questionamentos, que os aproxima mais da figura dúbia do anti-herói. Nota-se, todavia, que Macunaíma, apesar de configurar-se como um herói romanesco, possui todas as características que

definem um super-herói, com uma origem envolta em mistério e poderes sobrenaturais, como exemplificado no trecho: “mas assim que deitou o curumim (Macunaíma) nas tiriricas, tajás e trapoerabas da serrapilheira, ele botou corpo num átimo e ficou um príncipe lindo” (ANDRADE, 2013, p. 14).

## CONSIDERAÇÕES SOBRE OS ANTI-HERÓIS

*Foi o próprio Deus quem, em forma de serpente, se ocultou atrás da árvore do conhecimento, quando terminou sua obra; deste modo, descansava de ser Deus. Tudo o que havia feito, o havia feito demasiadamente formoso... O diabo não é nada mais que a ociosidade de Deus, cada sete dias.*

Friedrich Nietzsche

Na epígrafe acima, Nietzsche (2012) utiliza as figuras de Deus e do diabo, as representações mais comuns dos extremos opostos – bem e mal – de forma a ilustrar os conceitos que representam. Ao afirmar que “o diabo é apenas a ociosidade de Deus, a cada sete dias” (NIETZSCHE, 2012, n. p.), pode-se entender que o autor trata do ser humano. Um homem trabalhador, com uma rotina específica, só tem tempo de “ser” ele mesmo aos fins de semana, que é quando encontra o ócio. Dessa forma, o homem age de um modo programado, mecânico e, ainda assim, idealizado durante a semana, para, só no fim de semana, ser realmente humano e se dar ao luxo de poder errar. Por analogia, é possível afirmar que o anti-herói seria o homem nos fins de semana, muito mais humano do que o herói clássico, sempre tão magnífico, mas tão irreal. Portanto, serão explicitadas a seguir reflexões sobre os anti-heróis selecionados.

## MACUNAÍMA: HERÓI DA NOSSA GENTE

Personagem criada por Mário de Andrade, Macunaíma<sup>7</sup> é a figura principal da obra homônima publicada em 1928. A mais importante produção de Mário de Andrade foi produzida em apenas uma semana durante as férias do autor em Araraquara, São Paulo, no fim de 1926. A obra é de difícil classificação, uma vez que possui características de vários gêneros textuais, como romance e crônica, por exemplo. O próprio autor teve dificuldades para inseri-la em um gênero literário. A fim de reunir todas as características sem a exclusão de nenhuma, Mário de Andrade optou pelo gênero rapsódia<sup>8</sup>. De acordo com Proença (1955), *Macunaíma* apresenta, como as rapsódias musicais, uma variedade de motivos populares a que Mário de Andrade sequeu de acordo com as afinidades existentes entre eles, ligando-os, para efeito de unidade, a pequenos trechos de sua autoria, para tornar insensível a transição de um motivo para outro. Portanto, em nossa análise, será utilizado o termo rapsódia em respeito ao autor.

A narração da origem de Macunaíma leva a inúmeras possibilidades de interpretação, ou seja, é envolta em mistério: “No fundo do mato-virgem nasceu Macunaíma [...] houve um momento em que o silêncio foi tão grande escutando o murmurejo do Uraricoera, que a índia tapanhumas pariu uma criança feia” (ANDRADE, 2013, p. 13). Em seu nascimento, Macunaíma já é percebido como alguém desprovido de beleza, no entanto, à medida que cresce, compensa com esperteza a falta de atributos físicos. Além disso, mostra seu caráter heroico já na infância, pois é possuidor de poderes mágicos: “o pequeno foi crescendo foi crescendo e virou príncipe lindo” (ANDRADE, 2013, p. 15).

Macunaíma não deve ser visto como uma personagem má. Ele apenas possui características questionáveis para alguém cujo título é herói. Devido a esse caráter dubio, a caracterização de anti-herói é relacionada a ele. Entretanto, Macunaíma não deixa de possuir um caráter heroico,



pois “afinal das contas ele era um herói” (ANDRADE, 2013, p. 90), e é definido como tal durante toda sua trajetória.

No decorrer de sua história, notam-se características dos tipos heroicos épico e trágico, o primeiro em razão de suas aventuras, semelhantes a uma epopeia: “Macunaíma se orgulhava de tantas glórias passadas” (ANDRADE, 2013, p. 202); e o segundo, devido ao seu sofrimento e período de mazelas. No entanto, diferente do herói trágico, Macunaíma não ressurgiu de modo glorioso após o sofrimento, mas decaiu em consequência dele: “tudo o que fora a existência dele apesar de tantos casos tanta brincadeira tanta ilusão tanto sofrimento tanto heroísmo, afinal não fora um se deixar viver” (ANDRADE, 2013, p. 208). Além disso, vê-se um caráter cômico: “se vendo nas amarelas porque não podia mesmo com a icamiaba, o herói deitou fugindo chamando pelos manos” (ANDRADE, 2013, p. 31). Ele também é um pícaro: “então eles verificaram que Macunaíma era muito safado e sem caráter” (ANDRADE, 2013, p. 176); e um romântico: “Cê, Mãe do Mato, marvada que se tornara inesquecível porque fizera ele dormir na rede tecida com os cabelos dela! ‘Quem tem seus amores longe, passa trabalhos trianos...’” (ANDRADE, 2013, p. 176). Além de todos esses tipos, Macunaíma tem poderes extra-humanos, assim como os super-heróis: “Vou virar aimará de mentira pra enganar o bife” (ANDRADE, 2013, p. 131). Analisando essa pluralidade de características, pode-se considerar a figura de Macunaíma de caráter rapsodo, relativo à rapsódia, uma vez que, mesmo sendo um anti-herói, ele possui traços de todos os tipos heroicos que são intercalados e fundidos ao longo da rapsódia.

## WOLVERINE E AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

A personagem Wolverine, da editora Marvel Comics, foi criada em 1974 pelo artista gráfico Len Wein e pelo diretor de arte John Romita,

aparecendo primeiramente como um antagonista na publicação “The Incredible Hulk #180”. Nascido mutante, Wolverine possui um fator de cura que permite a ele se recuperar rapidamente de qualquer doença ou ferimento. Também possui garras retráteis que saem de suas mãos, e seu esqueleto é coberto por *adamantium* – metal fictício e relativamente indestrutível. O sucesso da personagem se deve, em grande parte, por seu caráter anti-heroico. No âmbito das revistas em quadrinhos, no qual as personagens principais sempre foram heróis “bonzinhos”, como Super-Homem, Homem-Aranha e, mesmo, Ciclope, sendo este também um membro dos X-Men, são eventualmente substituídas por Wolverine como protagonista do título.

Nota-se que, apesar do caráter dúbio, Wolverine não é uma figura maléfica e, mesmo que utilize de meios extremos, como ferir um aliado, para que este não atrapalhe seus objetivos, ou “cuidar dos vilões da forma que um vilão faria”, assassinando muitos de seus inimigos, ele é fiel aos que são próximos e possui um forte código de honra, remanescente dos guerreiros samurais, além de possuir um grande apreço pela natureza. Para promover um estudo da personagem e suas características, é primordial discorrer, mesmo que de forma breve, sobre o gênero quadrinhos.

Assim como a literatura, os quadrinhos também têm como objetivo contar uma história, mas, diferentemente dela, depende tanto da escrita quanto das imagens para narrar algum acontecimento. Somente “quando se examina uma obra em quadrinhos como um todo, a disposição dos seus elementos específicos assume a característica de uma linguagem” (EISNER, 1999, n. p.). A fusão do texto verbal escrito e ação ocorrida narrada por meio imagético é que permite que sua leitura seja realizada.

É interessante notar também as semelhanças entre o texto literário e o quadrinhesco, uma vez que, assim como as personagens literárias,

muitas das características dos heróis dos quadrinhos derivam de seu criador ou de suas experiências. Para Moya (1970, p. 18), a história em quadrinhos “é o ponto máximo do expressionismo, isto é, o predomínio absoluto da sensação, traduzindo a própria personalidade do artista correlata a cada personagem” e, assim como uma vez ocorrera com os romances, elas converteram-se em alimento de consumo para os cidadãos de todo mundo, sendo publicadas mensalmente, de forma semelhante aos antigos folhetins, os quais cada edição equivalia a um capítulo da trama. É interessante perceber também que, de certa forma, os quadrinhos remetem “a linguagem gráfica pura e simples das pinturas das cavernas” (MOYA, 1970, p. 14), passando uma informação através de imagens, da mesma forma que as obras literárias remetem às novelas de cavalaria.

## **A FUSÃO DE TIPOS: COMPARAÇÕES ENTRE MACUNAÍMA E WOLVERINE**

Cabe agora tratar da fusão de tipos, isto é, da relação entre Macunaíma e Wolverine, personagens que possuem semelhanças físicas e (i)morais. Conquanto, torna-se imprescindível, primeiramente, que os conceitos de bem e mal sejam tratados, de forma a possibilitar que a análise do anti-herói seja feita.

Um dos temas principais tratados por Nietzsche (2009, 2011) em suas várias obras é a relação entre o bem e o mal. Através de algumas de suas reflexões, torna-se possível compreender que o bem e o mal não são valores absolutos, pois “cada povo fala uma língua do bem e do mal, que o vizinho não compreende. Inventou a sua língua para os seus costumes e suas leis” (NIETZSCHE, 2011, n. p.). Percebe-se que esses valores variam de cultura para cultura. O melhor exemplo é uma guerra

na qual os conquistadores vitoriosos são o “bem” para seu próprio povo, mas o “mal” para aqueles que perderam e foram conquistados. Portanto, entende-se o anti-herói como um ser além do bem e do mal, pois mesmo que ele faça o “bem”, estará fazendo-o somente de acordo com os seus próprios valores: “Quanto sangue e quanto horror há no fundo de todas as coisas boas” (NIETZSCHE, 2009, n. p.).

Uma das semelhanças existentes entre as personagens analisadas, por exemplo, é que ambas são desprovidas de beleza. O feio, quase sempre definido em oposição ao belo, é uma caracterização primordial das personagens como figuras anti-heroicas, visto que, se o herói é belo, perfeito, nada mais correto do que o anti-herói ser feio, falho. Para Eco (2007, n. p.), “a imagem do diabo torna-se bela quando representa bem a sua feiura”. Logo, é a feiura das personagens que as tornam belas, pois as tornam humanas. Eco (2007, n. p.) ainda afirma que mesmo Platão “recomendava que se evitasse a representação das coisas feias para os muito jovens, mas admitia que, no fundo, existiria um grau de beleza próprio a todas as coisas, na medida em que se adequassem à ideia que lhes correspondia”, e, por isso, por representarem a imperfeição humana, Macunaíma e Wolverine são feios, mas, pela mesma razão, são belos.

Com isso, pode-se perceber também que, de certa forma, o anti-herói nada mais é do que a humanização do herói, ou, em uma reflexão mais profunda, sua animalização. O herói deixa de guiar-se pela moral para guiar-se pelos instintos, sem perder sua superioridade. Wolverine é classificado geneticamente como *homo superior*, como um mutante, o próximo estágio da evolução humana, dotado de habilidades que o diferenciam dos demais na sociedade, mas, apesar disso, é provido de um lado selvagem e primitivo que tenta controlar e, em alguns momentos, é dominado pelos seus instintos. Macunaíma representa de forma concreta essa animalização, transformando-se, literalmente, em animais, como no trecho: “virou numa piranha feroz e pulou na

lagoa arrancou o anzol e desvirando outra vez légua e meia abaixo” (ANDRADE, 2013, p. 132).

Em Wolverine, por conta de seu lado selvagem, o animal é um contraste para o humano a todo momento, algo exemplificado inclusive em seu bordão: “eu sou o melhor no que faço, mas aquilo que faço não é nada agradável” (1982, n. p.). Houve ocasiões, inclusive, em que a obstrução de seus cinco sentidos fez com que se tornasse ainda mais agressivo, com um comportamento semelhante ao animal que o nomeia<sup>9</sup>. Professor Xavier, mentor de Wolverine, exemplifica a situação da personagem em Wolverine #145 (1999, n. p.),

Aquele era um homem preso numa luta constante... Não apenas com seu ambiente, mas com sua própria humanidade. Quando se soltava, ele era quase belo na loucura caótica que invocava. Selvagem... Indômito... Mau... Seu lado bestial contido apenas pela força de vontade e uma frágil psique que podia entrar em colapso a qualquer momento.

Contudo, é notável a grandiosidade presente nos anti-heróis, mesmo que seja demonstrada de uma maneira distinta. Brombert (2001, p. 15) defende que

Eles vivem segundo um código pessoal feroz, são obstinados diante da adversidade; seu forte não é a moderação, mas sim a ousadia e mesmo a temeridade. Heróis são desafiadoramente comprometidos com a honra e orgulho. Embora capazes de matar o monstro, eles mesmos são frequentemente medonhos e até monstruosos. Testemunhas apavoram-se com a

‘perversidade de suas ações violentas’ e a estranheza de seu destino.

Brombert (2001, p. 17) ainda afirma que os heróis “eram vistos pairando muito acima dos seres humanos comuns, quase num pedestal, destinados a ser reverenciados como efígies ou monumentos por toda a posteridade”. O anti-herói, ainda que um herói humanizado, demonstra qualidades que o colocam em uma situação de igualdade com este. Mesmo com as características que os tornam a antítese do herói clássico, é precisamente por sua grandiosidade que Macunaíma e Wolverine são rotulados como tal.

Conforme Campbell (1997, p. 17), todo herói possui um trajeto semelhante, “o percurso padrão da aventura mitológica do herói é uma magnificação da fórmula representada nos rituais de passagem: separação-iniciação-retorno”. Esse percurso independe do herói, isto é, ele é geralmente obrigado a percorrê-lo, aquém de sua vontade, como pode ser exemplificado em Macunaíma, que sai de seu ambiente comum para aventurar-se em busca da muiiraquitã, lembrança de sua amada, que é roubada pelo gigante Piamã. Em um lugar estranho e avesso à sua realidade, ele experimenta várias situações que o transformam e, após sofrer essa mudança, volta para seu local de origem para definhar, decadente e solitário, tendo perdido para sempre o amuleto.

Constata-se, também, que o anti-herói possui uma visão de mundo menos idealista do que aquela encontrada no herói, dotando-o, por conseguinte, de uma significativa sabedoria, ao contrário da ideologia utópica comum aos heróis, na qual tudo é belo e o mal está fadado a fracassar. O anti-herói, diferente do herói, falha e não cresce por estar fadado a crescer, cresce por reconhecer suas falhas. Em Wolverine #1 (1983), a personagem-título professa o seguinte trecho para um vilão:

Eu me perdi. Só que o jeito da vida pode variar como esse cascalho. Se mexo nele, pintam novas formas. A ordem emerge do caos. [...] A solução não é ganhar ou perder, é tentar. [...] Um animal pode preferir ficar na sua... só que um homem não se dá por satisfeito (1983, n. p.).

Logo, observa-se que Wolverine reconhece seu lado animal, seu caos, mas, em um momento de grandiosidade, surge a ordem, a supremacia do homem. Não por estar fadado a vencer, mas por sobreviver. A principal diferença entre o herói e o anti-herói está no fato de o anti-herói ser misto. Enquanto o herói é um ser unificado, o anti-herói é um ser múltiplo, homem e animal, humano e divino.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, retorna-se à pergunta realizada ao início do texto: será que todo herói deve ser essencialmente perfeito ou é permitido a ele também possuir a fraqueza humana de caráter? Ao refletir sobre essa questão, pode-se perceber que, se comparado ao herói clássico, o anti-herói se diferencia, primordialmente, por sua postura agressiva, individualista e imoral, ou seja, essencialmente humana.

Conforme Kothe (1987), o anti-herói é o herói do avesso, da modernidade. Para ele, “o percurso do herói moderno é a reversão do percurso do herói antigo” (KOTHE, 1987, p. 65). Enquanto este vive em prol de outros, tendo sempre algo para proteger, um reino, uma pessoa, um ideal, não se importando nem mesmo em sacrificar sua própria vida, aquele, ao contrário, procura proteger a si mesmo, procura sobreviver.

No estudo sobre o anti-herói, notou-se que sua principal característica é propriamente sua humanidade. Ele não é uma figura boa ou má, mas

a fusão de ambas. É um herói egoísta e um vilão altruísta, ajudando os outros, mas também prejudicando-os, quase com a mesma frequência com que ajuda e prejudica si mesmo. Por fim, o que caracteriza o herói como um anti-herói não são suas virtudes, mas suas falhas. É o reconhecimento de sua imperfeição que o torna um herói completo, capaz de vencer sua primeira e mais importante batalha. Em síntese, “a primeira vitória do herói é a que ele conquista sobre si mesmo” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1995, p. 489).



## REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ABDALA JR., B.; MOTA, L. D. (Orgs.). **Personae**. São Paulo: Senac, 2001.
- ANDRADE, M. de. **Macunaíma: o herói sem nenhum caráter**. São Paulo: Nova Fronteira, 2013.
- BROMBERT, V. H. **Em louvor de anti-heróis**. São Paulo: Ateliê, 2001.
- BUENO, F. da S. **Minidicionário da língua portuguesa**. São Paulo: FTD, 2011.
- CAMPBELL, J. **O herói de mil faces**. São Paulo: Pensamento, 1997.
- CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. **Dicionário de símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.
- CICCO, L. H. S. de. **Glutão ou carcaju?** Disponível em: [www.saudeanimal.com.br/glutao.htm](http://www.saudeanimal.com.br/glutao.htm). Acesso em: 3 out. 2014.
- ECO, U. **História da feiura**. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- EISNER, W. **Quadrinhos e arte sequencial**. Trad. de Luís Carlos Borges. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FEIJÓ, M. C. **O que é herói**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- GRÜMBERG, T. K. **Von Roroima zum Orinoco: II mythem und legenden der Taulipang und Arekuná**. Berlin: Indianer, 1916. In: PROENÇA, M. Cavalcanti. Roteiro de Macunaíma. São Paulo: Anhembi, 1955.
- KOTHE, F. R. **O herói**. São Paulo: Ática. 1987.
- MAQUIAVEL, N. **O príncipe**. São Paulo: Martin Claret, 2007.
- MOYA, Á. de. **Shazam!** São Paulo: Perspectiva, 1970.
- NIETZCHE, F. **Além do bem e do mal: prelúdio de uma filosofia do futuro**. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.
- NIETZCHE, F. **Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- NIETZCHE, F. **Genealogia da moral: uma polêmica**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- PROENÇA, M. C. **Roteiro de Macunaíma**. São Paulo: Anhembi, 1955.
- TAVARES, C. **O anti-herói**. Disponível em: <http://concursoliterariofabico.wordpress.com/category/cassia-tavares/>. Acesso em: 3 abr. 2014.

## NOTAS DE FIM

- 1 Este texto é resultado de atividade de ensino no curso de Letras da UEMG Divinópolis.
- 2 Graduado em Letras pela UEMG Divinópolis, em 2015.
- 3 Graduado em Letras pela UEMG Divinópolis, em 2015.
- 4 Professor da UEMG Divinópolis, mestre em Letras – Literatura – pela PUC-Minas.
- 5 Artefato de jade que se tem encontrado no baixo Amazonas, especialmente nos arredores de Óbidos e nas praias, entre as fozes dos rios Nhamundá e Tapajós, a que se atribuem qualidades de amuleto (PROENÇA, 1955, p. 309).
- 6 Liga metálica fictícia e virtualmente indestrutível. O termo “adamantium” deriva do adjetivo inglês *adamant*, que significa inflexível, e do sufixo “ium”, que indica o metal; significa, portanto, “metal inflexível”, como confirmado em sua primeira aparição na revista em quadrinhos *Avengers* #66 (1969), da editora Marvel Comics. O metal ficou famoso após a revelação de que recobria o esqueleto do anti-herói Wolverine. Isso aconteceu na revista *X-Men* #140 (1980), publicada pela mesma editora.
- 7 O nome de Macunaíma é colhido na obra de Grümberg (1916) e se refere a um herói indígena da região do monte Roraima e médio Orinoco. Desconhecendo a verdadeira personalidade, os missionários ingleses que se alojaram na região usaram o nome para traduzir o de Deus nos catecismos. No entanto, ao separar os radicais, tem-se Maku (mau) e naíma (grande), o que, etimologicamente, é o mesmo que “o grande mau”.
- 8 A rapsódia é caracterizada por ser produzida a partir de “fragmentos de cantos épicos [...] trecho de composição poética; composição musical formada de diversos cantos tradicionais ou populares de um país” (BUENO, 2011, p. 651).
- 9 De acordo com Cicco (2014), o Wolverine, conhecido no Brasil como Glutão ou Carcaju, é um mamífero carnívoro encontrado no Hemisfério Norte, nas zonas frias da Sibéria, Escandinávia, Alasca e Canadá. São caracterizados por garras extremamente afiadas, agressividade, territorialidade e por manter hábitos solitários e noturnos. É um animal que possui poucos predadores naturais. É valente e possuidor de uma grande resistência, enfrentando animais de maior estatura que a sua.